

Editora Zain

O último movimento

Robert Seethaler

TRADUÇÃO DO ALEMÃO
Karina Jannini

zain

© Hanser Berlin in der Carl Hanser Verlag GmbH & Co. KG,
München, 2020

Direitos de tradução desta edição adquiridos por meio da
Ute Körner Literary Agent.

© Editora Zain, 2026

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Der letzte Satz*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Filipa Damião Pinto

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

Julio Abreu

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Cristina Yamazaki

Marina Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seethaler, Robert

O último movimento / Robert Seethaler ; tradução Karina
Jannini. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

Título original: *Der letzte Satz*

ISBN 978-65-85603-30-0

1. Romance austríaco I. Título.

26-335272.0

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura austríaca 833

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 — Lourdes

30170-132 — Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

instagram.com/editorazain

Sumário

| | |
|---------------------------------|-----|
| O último movimento | 7 |
| Posfácio, por <i>Jorge Coli</i> | 111 |

O último movimento

DE CABEÇA BAIXA, com o corpo envolvido por uma manta quente de lã, Gustav Mahler estava sentado na parte reservada a ele no convés do *Amerika*, esperando pelo aprendiz de bordo. O mar repousava, cinza e indolente, à luz da manhã. Nada se via além dos sargaços que flutuavam na superfície, formando ilhas viscosas, e um brilho muito estranho no horizonte, que, no entanto, como o capitão lhe havia assegurado, não significava absolutamente nada. Estava sentado em uma caixa de aço, com as costas apoiadas na parede de um contêiner, e sentia embaixo de si as marteladas abafadas e regulares dos motores do navio. Em cima da caixa havia uma corda enrolada, da qual despontava um gancho de ferro. O gancho estava enferrujado na ponta; a corda, desfiada e preta de óleo. Tinham lhe falado do perfume do mar, mas ele não sentia nada. Ali fora havia apenas o cheiro do aço e do óleo das máquinas e o vento, que chegava do norte e parecia nunca mudar de direção. Mahler gostava do vento. Tinha a impressão de que varria de sua cabeça os pensamentos tolos.

O rapaz veio da popa com o chá. Equilibrava a bandeja em uma das mãos e deslizava a outra na amurada. Mahler observou-o enquanto ele dispunha sobre a caixa a chaleira e a xícara, ambas de porcelana fina, branca e azul, bem como um açucareiro e um pratinho de prata com biscoitos. Os movimentos do rapaz eram rígidos e contidos como os de um velho, mas seu rosto era pueril e imberbe.

“Há quanto tempo você navega?”, perguntou Mahler.

“Este é meu primeiro ano, Herr Direktor”, respondeu o rapaz.

“Não sou diretor, então não precisa me chamar assim”, disse Mahler. “E pode levar os biscoitos!”

O rapaz assentiu.

“Se não precisa mais de mim...”

Mahler balançou a cabeça, e o rapaz partiu. Na chaleira, flutuavam minúsculas folhinhas escuras, embora ele tivesse pedido chá branco russo. Alguém tinha lhe falado que o chá branco tranquiliza a alma. Claro que era bobagem, mas às vezes era útil acreditar nesse tipo de coisa.

O chá estava muito quente, e ele o bebeu devagar. Naquele dia, não tomaria mais nada. Há tempos já não sentia fome, talvez no dia seguinte voltasse a comer.

O casco de aço embaixo dele rangia, e o corrimão da amurada vibrava. Teve a impressão de ouvir o grito de uma gaivota. Mas não podia ser, pensou. Seis dias em alto-mar e nenhuma terra à vista.

Ou será que sim? Mais tarde perguntaria ao capitão ou ao aprendiz de bordo.

Certa vez, viu uma gaivota solitária, branca e pequena, balançando-se nas ondas. Foi no porto de Nova York. Ele estava sentado em um barracão da alfândega, iluminado por uma luz muito forte, e, enquanto os funcionários o interrogavam sobre a finalidade e a duração de sua estadia, olhava repetidas vezes pela janela empoeirada que dava para o porto. Por fim, foi obrigado a assinar uma porção de papéis e, ao olhar novamente para fora, a gaivota tinha desaparecido.

Não pôde deixar de pensar no verão de três anos antes. Certa tarde, levantou-se com um salto do assoalho onde havia passado duas horas deitado, imóvel, contemplando a dor que, em sua cabeça, pulsava com uma aura de cores. Por alguns segundos, permaneceu em pé no quarto, vacilante; depois, foi cambaleando até a escrivaninha, pegou na gaveta uma das folhas pautadas cujas linhas ele mesmo havia traçado e começou a rabiscar freneticamente. Uma ave tinha emitido um chamado no abeto atrás da casinha onde ele compunha. Sem dúvida era um daqueles passarinhos castanho-avermelhados que mal dava para enxergar e que os habitantes locais chamavam de “carontes”, pois diziam que levavam a alma dos mortos para sua última morada. O chamado consistia em três notas distintas que, em contraste com o aspecto do pássaro, nada tinham de alegres nem de melodiosas, apenas soavam mal.

Irônicas, ásperas e desconexas — mas, justamente por isso, corretas. Eram as notas das quais ele sentia falta havia muito tempo, sem nunca ter de fato procurado por elas. Naquele momento, estavam ali. Tinha de registrá-las imediatamente. Uma quarta e uma terça menor ascendente. Irônicas e ruins. Depois, uma pausa. E se repetiam. Mais uma vez. A sequência era clara: descendente e de novo para cima, mais uma vez, e assim por diante. Ele devia ter trazido mais tinta americana, pensou. A dali não valia nada. Era muito diluída e pingava da ponta da pena antes mesmo de tocar a folha. Mas não importavam as gotas, as manchas nem todo aquele borrão; afinal, ele teria de passar tudo a limpo mais tarde, à noite, de madrugada. Naquele momento, o importante era anotar. O que contava era o chamado do pássaro, nada mais.

Escrevia rápido, era uma sensação prazerosa, que vinha com facilidade. Deus do céu, pensou, faça com que não pare. Não antes de eu terminar.

Após três horas, a pena caiu de sua mão. Sua nuca estava rígida, e ele sentiu uma dor lancinante no ombro, que se estendia como uma corda esticada de violino até a ponta dos dedos. Gostaria de conseguir fazer mais um pouco, pensou. Será que o pássaro vai voltar? Impossível saber. Mas, dessa vez, não dava mais.

Ergueu o olhar e se surpreendeu ao ver como o dia já estava claro. O sol brilhava pela janela e lançava no quarto feixes de luz cheios de partículas

em suspensão. Seus olhos ardiam; ele piscou. À sua frente, uma pilha de folhas pautadas preenchidas. Iria analisá-las à noite, ao piano, ou no dia seguinte; talvez tivessem alguma serventia. Mas isso também não estava garantido.

Levantou-se da cadeira usando as duas mãos e foi até a mesa, sobre a qual deveria haver um jarro com água que, porém, não estava lá. Como sempre, pensou. Descuidados, esquecidos, caducos... os camponeses, Alma, a moça, ele próprio. Eu já deveria ter enchido o jarro de manhã, pensou. Ou ontem à noite. A água estaria quente e choca agora, mas pelo menos haveria o que beber.

Lançou um último olhar à desordem sobre o tampo da escrivaninha, hesitou por um momento, depois saiu.

Do lado de fora, fazia muito calor; o céu brilhava em um azul sem nuvens, mas à noite havia chovido, e os campos e bosques tinham tons de um verde intenso. O ar era preenchido pelo zumbido dos insetos. Uma vaca mugia. Certamente, era a que estava prenhe, com a estrela preta na testa, pensou. Talvez tenha chegado a hora. Crianças corriam na estrada para Toblach. Seus pés levantavam poeira; seus gritos e risadas podiam ser ouvidos até ali. No porta-chaves que um homem da aldeia havia pregado para ele na moldura da porta e no qual se costumava pendurar a chave, às vezes também um telegrama ou uma mensagem da casa, estava pousado um gafanhoto cujas asas tremulavam.

Ainda hoje, quase três anos depois, ele via a imagem do inseto à sua frente: as pernas recober-
tas de nós e pelos, a couraça na nuca e a cabeça
com olhos fixos e brilhantes.

A voz do contramestre o arrancou de seus pensa-
mentos. Todas as manhãs, da popa, o homem convo-
cava os marinheiros e dava ordens. Seus gritos entre-
cortados continuaram por um instante, até restarem
apenas a batida regular dos motores e o murmúrio
das ondas na proa.

Mahler reclinou a cabeça. Estava com sede, a
boca estava seca, e a língua mais parecia um pe-
daço de madeira; ele sabia que o chá não aplacaria
essa sensação.

Deve ser horrível morrer de sede, pensou. Mas
toda morte é horrível. Como você gostaria que fosse?

Pensou na propriedade na colina, em meio ao
bosque de abetos, tranquila e isolada, com ampla
vista para o vale. No início daquele verão, porém,
por muito tempo não se vira nada daquela paisa-
gem. As nuvens permaneceram baixas, chovera a
cântaros, sem parar, e ele passara dias inteiros na
cama, ouvindo a água que arrancava as telhas do
telhado e levava embora as verduras da horta. Tra-
balhar, nem pensar; o caminho para chegar à ca-
sinha onde costumava compor era uma torrente,
e lá dentro parecia fazer mais frio do que do lado
de fora. O fogareiro a álcool era pequeno demais;
pelas fendas no telhado pingava uma água verde
de musgo, e a umidade se insinuava em todos os

membros e desafinava o piano. Por isso, permanecera na cama. Adorava sua cama. A madeira rangia confortavelmente a cada movimento seu, os acolchoados de penas eram espessos, e os colchões, mais macios do que os da cidade. Às vezes, pouco antes de adormecer, tinha a agradável sensação de que seu corpo se perderia em profundezas rarefeitas como nuvens. No entanto, mesmo ali seu sono não era profundo nem duradouro. Até onde conseguia se lembrar, passava as noites se revirando na cama. Sonhava muito e, embora mal conseguisse se lembrar dos sonhos na manhã seguinte, restava nele uma estranha sensação perturbadora, que o acompanhava por um bom tempo ao longo do dia. Muitas vezes, permanecia acordado. Ouvia ruídos nas paredes, um estalo ou uma crepitação. Então se levantava, circulava pelo quarto e tentava descobrir de onde vinham. Matutava e se preocupava. Pensava na música. Em meio à escuridão, podia sentir sua presença, como se ela fosse um ser vivo cujo corpo sem peso se dilatava a cada respiração, até parecer preencher todo o quarto.

Gustav Mahler é uma pequena chama tremulante na tempestade de seu próprio desespero, escrevera sobre ele um escrevinhador vienense. Obviamente, a “pequena chama” se referia à sua fisionomia delicada e à estatura de apenas um metro e sessenta. Desatara a rir e rasgara o jornal em mil pedacinhos. Em seu íntimo, porém, sabia que o escrevinhador estava certo. Não tinha nem cinquenta anos e era

uma lenda: o maior regente de sua época e talvez de todos os tempos vindouros. Mas pagava essa fama com o drama de um corpo que se consumia.

Nunca se sentiu saudável. Era um traço da família: dos treze irmãos, seis morreram na primeira infância; portanto, nesse sentido, o pequeno Gustav já podia ser considerado um sobrevivente. Desde a época escolar, sofria de enxaquecas, insônia, vertigens, amígdalas inflamadas, dor de hemorroidas, estômago irritável e palpitações. Mordia a parte interna das bochechas até elas sangrarem, agitava as mãos e batia o pé no chão de maneira descontrolada ao reger e, ocasionalmente, também quando estava parado ou caminhando. Às vezes, quando deitado na cama, de olhos fechados, seus membros irrequietos não o deixavam descansar; então ele se levantava e começava a ir de um lado para o outro na escuridão.

“O senhor deveria repousar”, dissera um médico amigo, anos antes. “De preferência, por toda a vida.”

“Obrigado”, respondera enquanto pagava a consulta, indo embora logo depois. Convenceu-se de que um corpo capaz de suportar tantas incapacidades e doenças devia ser naturalmente forte. E talvez fosse mesmo. Em todo caso, ele nunca mais procurou o médico, e a amizade entre os dois terminou.

Os dias frios terminaram com a chegada do *Foehn*. No início de julho, o vento desceu das cristas das Dolomitas, trazendo luz e calor para o vale. Descalço, Mahler ficava sentado na relva úmida de